

EDITORIAL

EDITORIAL

A REVISTA TEMAS EM EDUCAÇÃO proporciona a seus leitores mais uma série de escritos que abordam a temática da educação a partir de diferentes matizes teórico-metodológicos e analíticos. Em meio a heterogeneidade dos temas e das abordagens arrolados, identificamos fios que ligam as especificidades dos textos a um campo enunciativo que evidencia uma forte presença de enfoques filosóficos e históricos, o que sugeri a ideia de que foram propositadamente produzidos para tal fim. O que não é verdade! O acaso proporcionou esse encontro e a formulação dessa unidade aparente do diverso. Entretanto, é bem verdade que a sensibilidade e seletividade na organização do material, frente ao conjunto de textos recebidos, fizeram com que juntássemos e jogássemos com ele, forjando arbitrariamente sua tessitura, sua aparente unidade. Efeito de sentido, possível tão somente pela proximidade da perspectiva que cada qual assumiu diante da problematização da educação.

Na seção *Artigos*, os quatro primeiros textos se alinham a uma mesma preocupação de fundo: refletem sobre a questão da educação considerando a singularidade, a diferença e o diverso. Assim, José Leonardo Rolim de Lima Severo discute no texto intitulado A CONSTITUIÇÃO DA PEDAGOGIA: ENTRE A INSTRUCIONALIZAÇÃO E O PARADIGMA DA CIÊNCIA DA EDUCAÇÃO a constituição histórica da Pedagogia, e o modo pelo qual a instrucionalização do conhecimento pedagógico passou a ser visto como fragilizado epistemologicamente, por conta de seu silenciamento, operado pela supervalorização da esfera didática e metodológica. Entretanto, o estudo aponta que uma das alternativas de reestruturação dos saberes pedagógico encontra-se na defesa e afirmação da Pedagogia como Ciência da Educação. Por sua vez, Maria das Graças de Almeida Baptista e Tânia Rodrigues Palhano fazem uma incursão nas fronteiras do pensamento de Dewey e de Gramsci. Nesse percurso epistêmico, registrado no artigo TEORIAS EM EDUCAÇÃO: A EXPERIÊNCIA EM DEWEY E A PRÁXIS EM GRAMSCI, analisam o caráter humanístico das concepções

sobre a educação presentes no pragmatismo de Dewey e na práxis pedagógica contra hegemônica de Gramsci e a potencialidade que cada um possui no que tange à contribuição de um pensar e um fazer educativo constitutivos de sujeitos críticos e participativos socialmente. Já Railda Maria Bispo de Jesus, no artigo REVISANDO CONCEPÇÕES: AS INTERFACES ENTRE GÊNERO, SEXUALIDADE E A ESCOLA, toca em mais um problema específico que pauta a agenda dos debates atuais. Nesse sentido, ressalta a importância da escola como um dos lugares sociais da construção da igualdade de gênero e o respeito à diversidade. Finalizando esse conjunto de textos Andressa Mattos Salgado, no texto PASSOS E IMPASSES NA INCLUSÃO ESCOLAR DE CRIANÇAS AUTISTAS E PSICÓTICAS: DA INCERTEZA DE SABER, A FIGURA DO PROFESSOR E O OLHAR PARA O SUJEITO reflete sobre a singularidade da prática educativa realizada com e para as pessoas com deficiência. Em seu estudo, a autora problematiza a questão a partir da perspectiva do reconhecimento das diversas especificidades desse público, assinalando que a inclusão escolar das crianças autistas e psicóticas exige a ressignificação das concepções e práticas dos educadores e da escola

Ainda nesta Seção, o leitor encontrará outra série de discussão, na qual autores e textos reativam nossas lembranças e memórias sobre sujeitos, acontecimentos, instituições e experiências que integram as páginas das histórias educacionais do país. Os autores Amanda Sousa Galvínio e Jean Carlo de Carvalho, no texto RUI BARBOSA E A REFORMA DO ENSINO PRIMÁRIO NO SÉCULO XIX, nos brindam com um estudo belíssimo sobre um dos ícones da intelectualidade brasileira e de suas contribuições para as reformas da educação brasileira nos fins do século XIX. Centrando-se nos pareceres de Rui Barbosa sobre a questão do ensino primário (1883) e na história da infância, deixados por Rui, o estudo ressalta o caráter moderno e civilizatório das proposições de Rui Barbosa, que confrontavam o regime imperial, a escravidão e a falta de estrutura institucional da nação. Por fim, Sátiro Ferreira Nunes e Tarso Mazzotti, no artigo COLÉGIO DE PEDRO II: SÍMBOLO DE EDUCAÇÃO, adentram criticamente nos liames do mundo simbólico e discursivo que marcou as instituições educacionais brasileiras, durante o período do Estado Novo. O estudo empreendido sobre o Colégio Pedro II traz à luz velhas questões, assumidas pelas elites intelectuais estadonovistas, que beberam na fonte do iluminismo e liberalismo europeu e associaram a educação a um universo de símbolos e representações vinculados a modelos de sociedades assentadas numa perspectiva etnocêntrica e numa perspectiva política elitista.

Na seção *Relatos de experiência*, o texto de Orlandil de Lima Moreira, nomeado pelo autor com o título MEMÓRIA DA ALFABETIZAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NA PARAÍBA: A EXPERIÊNCIA DO SEDUP NO PAJAS – PROGRAMA DE ALFABETIZAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS, discute o problema secular do analfabetismo a partir da retomada da memória de uma das experiências de alfabetização realizada pelo Serviço de Educação Popular – SEDUP, que aconteceu nas duas décadas finais do século XX, no brejo paraibano.

Na seção *Relatos de pesquisa*, dois textos apresentam resultados de estudos inspirados numa perspectiva de cunho historiográfico. No primeiro escrito, Martha Maria Macedo Bezerra, Maria do Socorro Lucena Lima e Rivalina Maria Macedo Fernandes, no texto FORMAÇÃO DE PROFESSOR: NARRATIVAS DO “LOCUS” EDUCACIONAL tratam da formação de professores no Nordeste do Brasil, especificamente na região do Cariri Cearense. Recorrendo à ferramenta das narrativas orais dos docentes investigados apresentam um sentido formativo assentado no chão de suas vivências e práticas. No segundo, Israel Soares de Sousa e Severino Bezerra da Silva, no artigo HISTÓRIA, PESQUISA E EDUCAÇÃO, apresentam uma série de contribuições no sentido de discutir as modificações epistêmicas atuais ocorridas no paradigma dos estudos historiográficos da educação, o que tem provocado o deslocamento do eixo das pesquisa sobre história da educação, da ótica das percepções e interpretações dominantes para o universo de saberes, ritos e práticas culturais dos grupos e setores excluídos e marginalizados.

Na seção *Ponto de vista*, os autores inscrevem suas leituras e visões sobre a problemática da educação a partir da reflexão de diversos e distintos objetos, temas e abordagens. Inicialmente, o leitor lerá nessa Seção três textos centrados numa matriz histórica. No primeiro, Wojciech Andrzej Kulesza, no texto CEM ANOS DA IDEIA DE ESCOLA TÉCNICA NO BRASIL, realiza uma incursão sobre a história do ensino profissional em nosso país. Nesse percurso, não somente reconta esse capítulo da história da educação brasileira, retomando fatos, propostas e modos de organização do aprender próprios ao mundo do trabalho, como também destaca um pouco de como isso aconteceu na Paraíba durante o período republicano. Sobretudo, no que diz respeito as ações empreendidas pelo poder público sobre a questão. No segundo, Vivia de Melo Silva, no texto A IDEIA DE EDUCAÇÃO ESCOLAR COMO CHAVE PARA A CONSTRUÇÃO DA NACIONALIDADE BRASILEIRA E A INSTAURAÇÃO DOS GRUPOS ESCOLARES NO BRASIL, busca conhecer e explicitar alguns ideários educacionais

assumidos por intelectuais que viveram no final do Império e do início da República, a exemplo de Manoel Bomfim, Rui Barbosa e Benjamin Constant, e suas possíveis relações com a implantação dos grupos escolares como uma nova organização do ensino no brasileiro. Por fim, Marcia Torres Neri Soares, em seu artigo O FANTASMA DE PROCUSTO, DO SÉCULO XIX AOS DIAS ATUAIS: O FIO CONDUTOR DA HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO DE PESSOAS COM DEFICIÊNCIA NO BRASIL elegeu como foco de sua discussão a educação de pessoas com deficiência. A autora nos conduz a um passeio histórico da questão no contexto brasileiro, desde o século XIX até os dias atuais, retomando a memória ativa das lutas sociais a favor da inclusão cidadã dos deficientes como sujeitos de direito.

Após os mencionados textos históricos da Seção *Ponto de vista*, quatro produções, centradas diferentemente num campo de análise de cunho filosófico, escavam o pensamento educacional, refletindo sobre o chão teórico-prático da escola. Valter Ferreira Rodrigues, inspirando-se em estudiosos pós-modernos, discute em seu texto A DESCONSTRUÇÃO DA PRÁTICA CIENTÍFICA E O ENSINO DA FILOSOFIA NO ENSINO MÉDIO: LEITURAS DE FOUCAULT, DELEUZE E GUATARRI a necessidade de redimensionar, ressignificar e desconstruir o caráter meta-narrativo da prática científica e do ensino de filosofia, baseados em modelos epistêmicos totalizantes, hierárquicos e descontextualizados, são figurativamente representados pela metáfora da 'árvore mundo'. Seguindo o pulsar da reflexão filosófica, Juliana Schenato analisa, em seu trabalho A FORMAÇÃO DA CONSCIÊNCIA HUMANA E O CONHECIMENTO: QUESTÕES PARA O CURRÍCULO ESCOLAR, a relação entre a consciência, o conhecimento e o currículo escolar. A argumentação empreendida pela autora, assentada no materialismo histórico e na ontologia crítica, aponta para a conclusão de que a educação em geral, e a escolar, em particular, pode ser configurada de tal modo que possa contribuir para a formação de níveis mais elevados de consciência. Por sua vez, Florita Cuhanga António Telo, em seu texto TODA A EDUCAÇÃO DEVE [RIA] SER PARA A EMANCIPAÇÃO SOCIAL E DEMOCRÁTICA, pensa o chão de sua experiência em torno da problematização da educação vinculada à emancipação e ao desenvolvimento de uma consciência cidadã. Tal perspectiva crítica se justifica, para ela, pelo fato de vivermos em uma sociedade concretamente desigual, que afirma, no entanto, a necessidade intransigente da efetividade dos direitos fundamentais da pessoa humana. Finalizando, Aníbal de Menezes Maciel, no texto O USO DA IMAGEM FOTOGRÁFICA NO LIVRO DIDÁTICO DE

MATEMÁTICA PARA JOVENS E ADULTOS, ocupa-se em examinar o emprego do gênero imagético fotográfico na estruturação do conhecimento matemático, presente no livro didático da Educação de Jovens e adultos. Em suas conclusões assinala que há uma presença tímida da fotografia, como recurso didático e, ainda assim, marcada, predominantemente, pelo viés de uma função ilustrativa.

Como será constatado pelo leitor, o bloco de artigos, aqui presente, traz à baila, de um lado, velhas questões, cuja memória a historiografia da educação brasileira tem registrado e conferido visibilidade acadêmica e política. Várias das questões tratadas, ainda não resolvidas no limiar do século XXI, acenam para a relevância das investigações de cunho histórico e que apontam a necessidade de se vasculhar não somente os acontecimentos, fatos e processos educacionais do passado, mas também o conhecimento e a memória produzidos sobre eles. De outro, registra, em meio a dispersão das coisas escrita em cada um dos textos, a necessidade de uma posição reflexiva, crítica e analítica diante do leque de questões concretas e epistemológicas pertinentes ao cotidiano da educação escolar e sua função social.

Certamente, pensar o diferente e complexo exige disponibilidade, sensibilidade e responsabilidade com o outro e uma abertura crítico-reflexiva. Nesse sentido, as matrizes analíticas e investigativas de cunho histórico e filosófico são perspectivas fundamentais no processo de entendimento das questões educacionais. Enfim, esperamos que a Revista Temas em Educação proporcione ao leitor o acesso a mais uma série de estudos que confere visibilidade a uma gama de problemas educacionais, ainda arraigados no cenário cotidiano e histórico da sociedade brasileira.

Erenildo João Carlos
Maria Lúcia da Silva Nunes

Editores